



Trabalho 287

O SABER AMBIENTAL NO CONTEXTO DA SAÚDE: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Jocileide Santos Ribeiro¹, Jakeline de Jesus Carvalho², Suzana Bittencourt de Oliveira³, Maria Geralda Gomes Aguiar⁴

INTRODUÇÃO: Meio ambiente engloba tudo que é externo ao ser humano, abrangendo aspectos físicos, biológicos, culturais e sociais, que podem interferir no processo saúde-doença da população. A busca do crescimento econômico interfere no meio ambiente de maneira prejudicial, causando problemas que afetam diferentes grupos populacionais, os quais geram riscos à saúde. Com o aumento dos riscos ambientais para a saúde em nível mundial, a discussão sobre os impactos da crise ambiental para a saúde das populações tem adquirido maior dimensão, com o desenvolvimento da Saúde Ambiental. O cuidar de sujeitos, famílias e comunidades vulneráveis requer uma concepção ampliada do processo saúde-doença e o “aprimoramento” do atual modelo de atenção à saúde do SUS, considerando a percepção dos sujeitos sobre os riscos e os modos de adoecer e de ser saudáveis. A construção de uma racionalidade ambiental requer a transformação de antigos paradigmas, a formação de novos conhecimentos, a integração entre os diversos saberes e a contribuição de todas as especialidades, numa perspectiva interdisciplinar necessária para o desenvolvimento sustentável. **OBJETIVOS:** Discutir os conceitos de meio ambiente utilizados como referência no conhecimento produzido na área da saúde e analisar como esse conceito vem sendo articulado com o processo saúde-doença. **METODOLOGIA:** O estudo consiste em uma revisão sistemática realizada na BVS, no ano de 2012, nas bases de dados LILACS, MEDLINE e BDENF, utilizando como descritores: saúde ambiental, ecologia, meio ambiente e ecossistema. A busca dos textos teve como critérios de inclusão ser escrito no idioma português, disponibilidade do texto completo, autoria de profissionais de saúde e o período de tempo (2008-2012). Utilizando-se os descritores saúde ambiental e meio ambiente foram encontrados 606 resumos. Após leitura e análise minuciosas foram excluídos 579 textos por não apresentarem relação com a área da saúde e pelo conteúdo abordado focar aspectos de pouco interesse para o objetivo proposto. Foram selecionadas 2 dissertações e 25 artigos científicos, os quais passaram por uma apreciação específica mediante uma leitura minuciosa que possibilitou a seleção e registro em uma ficha de investigação, permitindo um olhar mais apurado, voltado para a identificação dos conceitos de meio ambiente e a relação destes com a saúde, chegando a 11 textos que foram analisados, fazendo-se a discussão dos resultados com base na literatura pertinente. **RESULTADOS:** Os conceitos de meio ambiente abordados nos estudos apontam para a polissemia do termo meio ambiente, que varia de maneira individual, temporal, histórica e cultural. Os modos como o meio ambiente é pensado sofrem influência da mudança de “posição” do homem no contexto socioambiental, estando, o processo saúde-doença, intrinsecamente dependente dessas variações. Ribeiro e Bertolozzi (2002) destacam a Teoria Sistemico-Ecológica de Enfermagem, a qual se fundamenta na teoria da multicausalidade para justificar a etiologia dos processos patológicos. Backes e outros ⁽¹⁾ problematizam os diferentes conceitos de natureza, suas modificações e implicações para a saúde em diferentes épocas. Silva e Alvim (2010) e

1 Graduada em Enfermagem. Bolsista de Iniciação Científica (Fapesb) no Núcleo Integrado de Estudos e Pesquisas sobre o Cuidar/Cuidado (NUPEC). Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: jocyribeiro@hotmail.com.

2 Graduada em Enfermagem. Bolsista de Iniciação Científica (Probic/UEFS) no Núcleo Integrado de Estudos e Pesquisas sobre o Cuidar/Cuidado (NUPEC). Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: jak.uefs@gmail.com.

3 Graduada em Enfermagem. Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: suzanabitten@hotmail.com.

4 Enfermeira. Doutora em Educação. Professora Titular do Departamento de Saúde. Coordenadora do Núcleo Integrado de Estudos e Pesquisas sobre o Cuidar/Cuidado (NUPEC). Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: geaguiar@uefs.com.br.



Trabalho 287

Camponogara e outros ⁽²⁾ problematizam a relação entre as questões ambientais e o campo da saúde, tomando como referência a Teoria Ambientalista de Florence Nightingale. Enfatiza-se a importância da preservação ambiental em um cenário de crise mundial e a influência do ambiente físico, psicológico e social no processo saúde-doença. Postula-se que a retomada do legado de Florence Nightingale, pode contribuir para a valorização da dimensão ambiental como elemento imprescindível para o processo de assistência a saúde. Kuhnen e Becker ⁽³⁾ estudaram as representações sociais de jovens e adultos sobre a água considerando que o significado de ambiente varia de acordo com diferentes fatores, tais quais, a posição social/profissional, o momento da vida em que o indivíduo se encontra. Botelho (2011) analisa que as representações sociais do meio ambiente são individuais, resultando de determinantes econômicas, sociais, técnicas e éticas. Numa abordagem psicológica, Polleto e Koller (2008), utilizam-se da Teoria bioecológica de Bronfenbrenner, considerando que toda experiência individual se dá em ambientes de desenvolvimento (contextos ecológicos diversos, tais como família, escola, instituição), organizados numa escala de diferentes níveis do sistema. O trabalho de Camponogara, Ramos e Kirchhof ⁽²⁾ discute a visão naturalizada de meio ambiente, na qual o homem não se insere como parte integrante do mesmo. Discordando desse pensamento, Bruzos e outros (2011) afirmam que o homem faz parte do meio ambiente possuindo com ele uma estreita relação de dependência. Backes e outros ⁽¹⁾ abordam o conceito de ecologicocentrismo, que define o homem como um ser que precisa realizar interações com todos os seres vivos e com o meio ambiente para garantir sua sobrevivência. As diversas concepções de meio ambiente e saúde encontradas nos textos vão de encontro ao que diz Leff ⁽⁴⁾ acerca do saber ambiental, o qual segundo ele está num constante processo de construção e desconstrução, resultando de um diálogo entre tradição e modernidade, no qual as antigas culturas, práticas e processos produtivos são revalorizados, não podendo ser reduzidos a uma dimensão única e homogênea. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** As diferentes teorias/percepções de meio ambiente, relacionadas à saúde, são determinadas por fatores individuais, culturais, históricos, temporais, sendo a postura do ser humano frente ao meio ambiente fator de destaque. O crescimento da crise ambiental difundiu ainda mais, o conceito de meio ambiente que retoma o homem como parte integrante e interdependente da natureza, exigindo deste uma maior consciência ecológica que tem por reflexo, ações visando a sustentabilidade, visto que a vida, a sua qualidade e a saúde estão interligadas. **CONTRIBUIÇÕES PARA A ENFERMAGEM:** Diante das diferentes concepções de meio ambiente e saúde, da necessidade de preservação ambiental e da intensa relação homem-ambiente, entende-se que a saúde ambiental está presente como prática de intervenção no campo da enfermagem, fazendo-se necessário a busca de formas alternativas que deem visibilidade às ações realizadas pela enfermagem em torno da questão ambiental.

DESCRITORES: Saúde ambiental; Ecologia; Meio ambiente.

EIXO I – Cuidado de enfermagem na construção de uma sociedade sustentável.

REFERÊNCIAS:

1. Backes MTS. Noções de natureza e derivações para a saúde: uma incursão na literatura. *Physis Revista de Saúde Coletiva* 2010; 20 (3): 729-51.
2. Camponogara S. Saúde e meio ambiente na contemporaneidade: o necessário resgate do legado de Florence Nightingale. *Esc. Anna Nery* 2012; 16 (1): 178-84.
3. Kuhnen A, Becker SMS. Psicologia e meio ambiente: como jovens e adultos representam água de abastecimento. *Psico* 2010; 41(2): 160-67.
4. Leff H. *Epistemologia ambiental*. São Paulo: Cortez; 2007.
5. Poletto M, Koller SH. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de psicologia* 2008; 25 (3): 405-16.